

**VERSÃO DE AUTOR:  
CITAR DA SEGUINTE FORMA:**

Pato, M. (2024). A importância crescente dos produtos agrícolas e agroalimentares locais: os efeitos da pandemia covid-19 nos circuitos curtos de proximidade. In A. C. d. Oliveira (Ed.), *Estudos em Ciências Agrárias e Ambientais* (pp. 86-95). Curitiba: Artemis.

**A IMPORTÂNCIA CRESCENTE DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROALIMENTARES LOCAIS<sup>1</sup>**

**OS EFEITOS DA PANDEMIA COVID-19 NOS CIRCUITOS CURTOS DE PROXIMIDADE**

**Maria Lúcia Pato**

IPV-Cernas, Portugal, [mljesus@esav.ipv.pt](mailto:mljesus@esav.ipv.pt)

**RESUMO**

A crescente oferta de produtos agrícolas e agroalimentares, largamente disponíveis nas grandes superfícies de distribuição (híper e supermercados), a que se junta as mudanças operadas nos próprios ritmos de vida das pessoas, tem alterado drasticamente os hábitos de alimentação, sobretudo dos meios urbanos. Questões como a origem, a qualidade e segurança dos alimentos, são agora mais do que noutras alturas, inicialmente desconsideradas.

Neste contexto, as produções locais e os circuitos curtos de proximidade perspetivam-se como uma alternativa eficaz de distribuição de produtos alimentares. Por outro lado, a pandemia provocada pela COVID-19 veio apelar, mais do que em outras alturas, à necessidade de ser enfatizado o que é produzido e distribuído localmente. Para além dos benefícios económicos para os próprios produtores e benefícios ambientais para o meio ambiente, salientam-se ainda os benefícios sociais decorrentes desta prática, já que se fomenta a confiança entre produtores e consumidores. Daí que com base numa investigação desenvolvida em concelhos pertencentes à Região Viseu Dão Lafões, no Centro de Portugal, o objetivo deste trabalho é o de investigar o impacto da pandemia provocada pela COVID 19 ao nível os circuitos curtos de proximidade. Os resultados obtidos sugerem que a pandemia provocada pela COVID 19 consciencializou para a importância das produções locais e das temáticas relativas à qualidade dos produtos.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi parcialmente apresentado no 27 th APDR Congress Sustainable Management of the Sea for Sustainable Regional Development, encontrando-se uma versão preliminar nas atas da conferência: Pato, L. (2020). A (crescente) ênfase nos produtos agrícolas e agroalimentares produzidos localmente. os efeitos da pandemia covid 19 nos circuitos curtos de proximidade. In proceedings of 27 th APDR Congress Sustainable management of the Sea for sustainable Regional Development (322-326). Agra do Heroísmo, Terceira, Açores.

**Palavras-chave:** COVID-19, Produção Local, Circuitos curtos de proximidade, segurança alimentar, segurança alimentar.

# **THE GROWING IMPORTANCE OF LOCAL AGRICULTURAL AND AGRIFOOD PRODUCTS**

## **THE EFFECTS OF PANDEMIC COVID-19 ON THE SHORT FOOD SUPPLY CHAINS**

### **ABSTRACT:**

The growing offer of agricultural and agrifood products, widely available in large distribution areas (hypermarkets and supermarkets), in addition to the changes made in people's own rhythms of life, has drastically altered their eating habits, especially in urban areas. Issues such as origin, quality and safety of food, are now more than in other times, initially disregarded. In this context, local productions and short proximity circuits are seen as an effective alternative for the distribution of food products. On the other hand, the pandemic caused by COVID-19 came to appeal, more than at other times, to the need to emphasize what is produced and distributed locally. In addition to the economic benefits for the producers themselves and environmental benefits, it is highlighted social benefits, since trust between producers and consumers is fostered.

Hence, based on an investigation carried out in some municipalities of Viseu Dão Lafões Region, the purpose of this work is to investigate the impact of the pandemic caused by COVID 19 at the level of short supply chains. The results suggest that the pandemic COVID-19 made aware of the importance of local productions and issues concerning food quality.

***Keywords:*** Covid-19, Local Production, Short-food supply chains, food security.

## 1. INTRODUÇÃO

A melhoria da tecnologia e disponibilidade de fatores de produção tem permitido aumentar a produção de produtos agrícolas e agroalimentares de forma exponencial. Mercê deste aumento de produção e dos acordos comerciais estabelecidos internacionalmente, as importações e exportações de produtos entre diferentes países, nomeadamente de países pertencentes à União Europeia, tem aumentado igualmente de forma significativa (EC, 2017).

Assim, a crescente oferta de produtos agrícolas e agroalimentares, largamente disponíveis nas grandes superfícies de distribuição (híper e supermercados), a que se junta as mudanças operadas nos próprios ritmos de vida das pessoas, tem alterado drasticamente os seus hábitos de alimentação (Cappelli & Cini, 2020), sobretudo dos meios urbanos. Questões como a origem, a qualidade e segurança dos alimentos, são agora mais do que noutras alturas, relegadas para segundo plano.

A pandemia provocada pela COVID 19, veio, no entanto, a provocar alterações profundas quer no abastecimento quer na procura de produtos agrícolas. Por um lado, do lado da oferta, devido ao encerramento das fronteiras, o comércio internacional foi inicialmente interrompido no auge da primeira vaga do surto pandémico. Embora tivessem posteriormente sido definidos protocolos de segurança para evitar a propagação do vírus e as fronteiras tenham reaberto, esta pode ser uma situação temporária, dependendo do que os países estão a fazer para evitar a propagação do vírus (Siche, 2020). Por outro lado, a procura de produtos agrícolas tem diminuído (embora que de forma ainda ténue) devido à redução da capacidade para as pessoas gastarem dinheiro e à incerteza gerada nas mesmas por um produto muitas vezes desconhecido (Siche, 2020).

É neste contexto que as produções agrícolas locais e as cadeias curtas alimentares se perspetivam como uma ferramenta interessante a considerar (Barberaa & Joselle, 2016), tanto mais que a pandemia provocada pela COVID-19 veio apelar, mais do que em outras alturas, à necessidade de ser enfatizado o que é produzido e distribuído localmente (Cappelli & Cini, 2020).

Para além dos benefícios económicos para os próprios produtores agrícolas, muitos deles numa situação vulnerável, salientam-se ainda os benefícios ambientais para o território, os benefícios socioculturais (Raftowicz, Kalisiak-Medelska, & Stru's, 2020; Tibério, 2013) e o contributo para a saúde e bem estar das pessoas, cada vez mais importante nos dias de hoje. Daí que a pergunta de partida nesta investigação seja:

Qual o efeito da pandemia COVID-19 ao nível dos circuitos curtos de proximidade?

Partindo duma investigação exploratória em alguns concelhos da Região Viseu Dão Lafões (RVDL), o objetivo deste trabalho é pois o de analisar os efeitos que a pandemia provocada pelo COVID-19 trouxe ao nível do consumo de produtos agrícolas e agroalimentares locais. Para tal recorreu-se a métodos de investigação qualitativa, com destaque para a realização de entrevistas semiestruturadas a produtores e distribuidores de produtos agrícolas e agroalimentares. As entrevistas foram gravadas, transcritas e sujeitas à análise de conteúdo.

Os resultados preliminares indicam que a pandemia COVID-19 consciencializou para as temáticas da qualidade, segurança e origem dos produtos, sendo que se perspetiva uma procura crescente por parte de produtos produzidos localmente e como tal dos circuitos curtos de proximidade de produtos agrícolas e agroalimentares.

Não obstante a pandemia esteja ultrapassada, é importante considerar que somos vulneráveis a situações como a focada neste trabalho, pelo que em direção à segurança alimentar e proteção das pequenas explorações agrícolas, argumentamos a importância das produções locais.

## **PRODUÇÕES LOCAIS E CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO: REGRESSO AO PASSADO OU CAMINHO PARA O FUTURO**

Por um lado a modernização das estruturas de transformação e distribuição, bem como a inovação ao nível dos produtos e dos processos, contribuiu para uma maior diversidade e qualidade da oferta de produtos alimentares à escala nacional e para o reforço da acessibilidade dos consumidores a esses mesmos produtos (Duarte, 2013). Por outro lado, as alterações sociodemográficas da população em geral, como o ténue envelhecimento da população, a redução do agregado médio das famílias, o sedentarismo do trabalho, a redução do tempo para comer e o aumento da população urbana que caracterizam, embora com expressão diversa, os países desenvolvidos nas últimas décadas (Duarte, 2013), tem contribuído para o aumento da procura por produtos de conveniência (congelados, enlatados, refeições pré-preparadas, saladas prontas a usar, etc.), disponíveis nas grandes superfícies de distribuição alimentar ou então para que grande parte da alimentação se faça a partir das cadeias de *fast-food*.

No entanto as notícias e investigações que tem sido divulgadas a propósito da alimentação feita a partir de alimentos processados e com ingredientes industriais que afetam gravemente a

saúde colocam em causa este tipo de alimentação. Por exemplo Srour et al. (2019) observam que o alto consumo de alimentos processados está associado a riscos cardiovasculares, a enfartes cardíacos e doenças cerebrovasculares. A investigação de Hall et al. (2019) alerta também para que o excesso de dietas ultra-processadas contribuam para a ingestão de calorias e para o excesso de peso.

É neste contexto que desde há alguns anos a esta parte, algumas referências têm sido feitas sobre um possível regresso ao passado, no sentido de uma deslocação da procura alimentar para bens mais básicos, no seu estado mais natural e de menor valor acrescentando, contrariando assim as ofertas padronizadas da indústria alimentar (Duarte, 2013). Engloba-se ainda neste regresso ao passado, a procura por produtos biológicos, oriundos de uma agricultura menos intensiva (Nagy & Dabija, 2020) e a procura de produtos que combinam características tradicionais, locais e regionais (Fernández-Ferrín, Calvo-Turrientes, Bande, Artaraz-Miñón, & Galán-Ladero, 2018; Pieniak, Verbeke, Vanhonacker, Guerrero, & Hersleth, 2009), associando assim o produto ao território e promovendo o contacto direto entre produtos e consumidores (Duarte, 2013). Este regresso ao passado e a procura de produtos locais, mais naturais e menos processados, parece ganhar impulso em situações de crises e inseguranças alimentares (Wilkinson, 2011).

Embora transversais, estas tendências manifestam-se em graus diferentes consoante os países, e, num mesmo país, entre diferentes segmentos de consumidores (Duarte, 2013). Prevê-se que os consumidores que dão mais importância a este tipo de produtos sejam pessoas preocupadas com a sustentabilidade ambiental e com os produtos locais e ao mesmo com a sua saúde e bem-estar.

Esta tendência de procura de produtos tradicionais/locais/regionais, mais naturais e/ou proveniente de uma agricultura biológica, apresentam-se assim como “janelas de oportunidades” que começam a ser também exploradas pelos micro e pequeno produtores agrícolas. Evidência disso é a legislação existente tendo em vista o enquadramento de estratégias de desenvolvimento local. Por exemplo em Portugal a portaria nº 152/2016 de 25 de maio (artigo 27) refere que os objetivos das produções locais e cadeias curtas são:

a) promover o contacto direto entre o produtor e o consumidor, contribuindo para o escoamento da produção local, a preservação dos produtos e especialidades locais, a diminuição do desperdício alimentar, a melhoria da dieta alimentar através do acesso a

produtos da época, frescos e de qualidade, bem como para o fomento da confiança entre produtor e consumidor;

b) incentivar práticas agrícolas menos intensivas e ambientalmente sustentáveis, contribuindo para a diminuição da emissão de gases efeito de estufa através da redução de custos de armazenamento, refrigeração e transporte dos produtos até aos centros de distribuição.

## **METODOLOGIA**

Considerando que se trata de uma investigação exploratória recorreu-se neste estudo a métodos de investigação qualitativa, com destaque para a realização de entrevistas semiestruturadas dirigidas a produtores/distribuidores de cabazes agrícolas localizados em três concelhos pertencentes à Região Viseu Dão-Lafões, nomeadamente Viseu, S. Pedro do Sul e Tondela. Considerando que por um lado a distribuição de cabazes agrícolas é ainda incipiente, pelo menos nos concelhos referidos e por outro lado a informação acerca destes produtores agrícolas é dispersa, foram realizadas 5 entrevistas entre julho e agosto de 2020, sendo que estes promotores correspondem aqueles que pela pesquisa efetuada efetuavam distribuição de cabazes agrícolas. Embora o guião da entrevista tenha vários tópicos de perguntas, neste trabalho apresentam-se apenas os resultados referentes ao tópico “COVID-19 e efeitos da pandemia na procura”. Devido à situação da pandemia COVID-19 as entrevistas foram realizadas via on-line ou por telefone. Estas entrevistas foram igualmente gravadas, transcritas e sujeitas à análise do conteúdo. Este tipo de análise é usualmente apropriado quando a pesquisa existente acerca dum fenómeno é geralmente escassa (Hsieh & Shannon, 2005).

## **RESULTADOS**

### **Breve Caracterização das Iniciativas**

As iniciativas de distribuição de cabazes agrícolas aqui apresentadas têm associada produção agrícola. De acordo com a tabela 1, duas iniciativas de cabazes agrícolas iniciaram a respetiva produção de cabazes há dois ou menos anos, sendo que uma dessas iniciativas (Lafobio) apenas iniciou a sua atividade de distribuição de cabazes agrícolas durante o auge da pandemia provocado pela COVID-19, particularmente entre março e abril de 2020. A Ecosseiva, seguida da Ecos do vale, são as duas iniciativas há mais tempo no mercado. Com exceção da Ecos do vale, comum a todas as iniciativas é o facto de incorporam nos seus cabazes agrícolas maioritariamente frutas e legumes. A Ecos do Vale para além de legumes e

frutas, entrega ainda carne, vinho e outros produtos. Aliás a Ecos do vale começou precisamente a distribuição de cabazes agrícolas pela carne (também biológica), sendo que apenas durante o auge da pandemia provocada pela COVID 19 começou a incorporar nos seus cabazes as frutas e legumes, justamente devido á procura. Comum a todas as iniciativas é o facto de produzirem de forma biológica (em 4 iniciativas) ou de forma mais natural, ou seja, onde a utilização de produtos químicos é reduzida ao mínimo.

**Tabela 1 – Caracterização das iniciativas**

<b>Nº</b>	<b>Iniciativa</b>	<b>Localização</b>	<b>Concelhos de distribuição</b>	<b>Tipo de Produção</b>	<b>Início da distribuição</b>
1	Manuela Antunes	Viseu	Viseu, Castro Daire	Biológica	2 anos
2	Ecos do Vale	S. pedro do Sul	Espinho, Porto, Tábua	Biológica	10 anos
3	Ecoseiva	Tondela	Viseu, Tondela, Coimbra, Porto	Biológica	15 anos
4	Lafobio	S. Pedro do Sul	S. Pedro do Sul	Biológica	6 meses
5	Prove – promover e Vender	Viseu	Viseu	“Natural”	8 anos

Fonte: Própria com base nas entrevistas feitas entre julho e agosto de 2020

A Ecoseiva é a iniciativa mais abrangente em termos de locais de distribuição já que faz a distribuição em 4 concelhos (Viseu, Tondela, Coimbra, Porto), seguida da Ecos do Vale que faz a distribuição de cabazes em três concelhos (Espinho, Porto, Tábua).

Interessante ainda é observar 4 das iniciativas são individuais, ou seja gerida pelos seus promotores. Uma das iniciativas (Prove)<sup>2</sup>, embora gerida por um produtor local, integra uma rede de distribuição de cabazes agrícolas a nível nacional.

Não obstante o cabaz agrícola seja constituído por produtos agrícolas/agro-alimentares dos próprios produtores, em todas as situações há o recurso à produção oriunda de produtores locais. Esta situação é claramente visível na iniciativa PROVE, cujo cabaz é constituído pela produção de cinco pequenos produtores agrícolas locais, mas também no caso da Ecos do Vale, cuja produção provém largamente da Quinta da Comenda, mas também de produtores locais.

<sup>2</sup> A rede de cabazes Prove é uma iniciativa que pretende contribuir para o escoamento da produção dos pequenos produtores familiares, fomentando as relações de proximidade entre quem produz e quem consome, estabelecendo circuitos curtos de comercialização entre pequenos produtores agrícolas e consumidores (Prove, 2020).

## **Impactos da pandemia COVID 19 na distribuição de cabazes**

À semelhança do que acontece no geral no país, onde algumas evidências referem que o estado de emergência causado pela pandemia levou a um pico na procura dos cabazes de frutas e vegetais vendidos diretamente por produtores aos consumidores (e.g., Moutinho, 2020), também a investigação em curso evidencia o aumento da procura de cabazes agrícolas durante o pico da pandemia:

*“Aumentou 100% o cabaz porta à porta (...) E muitos dos clientes já eram clientes do mercado e deixaram de ser e preferem o produto em casa” (P1)*

*“E isto cresceu muito rapidamente. Quando ia ao facebook os clientes perguntavam olhe tem legumes também, não quero pedir só carne (...) até havia mais encomendas do que aquelas que eu podia levar (...)” (P2).*

*“Houve um aumento de clientes durante o período da pandemia. Houve sim senhora. As pessoas pediram inclusivamente que a gente lhe fosse levar o cabaz a casa (P5)”.*

Se por um lado a procura de cabazes agrícolas pode diminuir com o desconfinamento social, por outro lado, pode-se esperar que esta tendência da procura de cabazes agrícolas se mantenha em termos gerais, até porque os produtos em causa são produtos com uma qualidade superior (biológicos ou mais naturais) e são também estabelecidas relações de confiança e amizade entre o produtor e o consumidor: *“E depois trocam-se ideias e o convívio é muito giro. É a família PROVE” (P5).*

Naturalmente para que esta tendência de procura de cabazes agrícolas se mantenha as estratégias de marketing utilizadas pelos promotores de cabazes agrícolas e também o relacionamento estabelecido com os clientes no ato de entrega dos produtos, assume-se como particularmente relevante. Efetivamente a pandemia resultante da COVID 19 veio apelar ao cumprimento de determinadas regras em termos de segurança e higiene, que os promotores em causa tentam cumprir escrupulosamente. Comum a todas as iniciativas é o uso de máscaras e gel para desinfetar as mãos no ato de entrega do cabaz agrícola. Um cuidado especial prende-se também com o material em que é entregue o cabaz – ou constituída por material que permite o contacto com os alimentos e é fácil lavagem ou de utilização única:

*(...) para além das proteções individuais e das desinfecções nos cabazes tentamos usar materiais descartáveis, caixas de cartão que é para as pessoas depois não terem que reutilizar e não terem que devolver (P3)*

Há situações ainda onde o pagamento do cabaz é feito por transferência bancária ou o dinheiro é colocado num envelope, evitando-se assim o contacto com as mãos:

*“Na questão do dinheiro. Eu deixava o cabaz no jardim e deixavam o dinheiro num envelope ou num saco de plástico. Nos prédios acontecia o mesmo” (P1);*

*“Eles (clientes) fazem transferências depois e não há problemas para mim” (P2).*

Vale a pena ainda referir que o contacto social é evitado ao máximo como a seguir se elucida:

*Tenho uma cliente que ela vive no prédio e ela quer que ponha o cabaz no elevador (...) ela encomenda coisas todas as semanas e nunca vi esta senhora. Ela não quer contacto nenhum. Para mim está bom (P2);*

*“ (...) evitávamos o mínimo de contacto e optámos por não receber em dinheiro e tentar que as pessoas fizessem transferências ou pagassem por multibanco” (P3).*

## **DISCUSSÃO, CONCLUSÃO E PISTAS PARA PESQUISAS FUTURAS**

Com base numa investigação exploratória, esta investigação pretende observar os efeitos que a pandemia provocada pelo COVID-19 trouxe ao nível do consumo de produtos agrícolas e agro-alimentares locais. Embora as evidências apuradas precisem ser aprofundadas, as entrevistas realizadas sugerem o crescimento da procura de produtos locais e a preferência pelas cadeias curtas de distribuição, permitindo assim um contacto entre produtor e consumidor.

De facto as práticas modernas de agricultura e a urbanização têm levado a uma complexa cadeia de distribuição, geralmente requerendo circuitos longos de transporte, envolvendo mais danos ambientais e um decréscimo da qualidade dos produtos (Bakalis et al., 2020). Os circuitos longos de distribuição, tanto em termos de distância como de tempo, envolvem ainda o manuseamento dos produtos por muitas pessoas, aumentando assim o possível risco de

infecção. No entanto, a juntar ao referido, o receio e medo das pessoas em saírem de casa, nomeadamente durante o auge da pandemia fez disparar a procura das produções locais e o recurso aos circuitos curtos de proximidade.

Assim, como se evidenciou, uma potencial resposta para esta crise pode ser dada pelos circuitos curtos de proximidade e produções locais, não dependentes do comércio internacional, estando para além do mais enraizadas no território e próximas do consumidor (Cappelli & Cini, 2020).

Naturalmente, as medidas de higiene e segurança ao longo da distribuição têm que ser integralmente cumpridas. Mas é ainda importante o apoio de políticas públicas e privadas que suportem os investimentos necessários para a difusão destes circuitos curtos de proximidade (Henry, 2020) e deste aparente regresso ao passado. Com efeito a disponibilização de incentivos fiscais e subsídios para pequenos agricultores que adotam o modelo de circuito curto, reduzindo seus custos operacionais, por parte dos governos locais deve ser tomada em consideração. Cumulativamente, a criação de programas de apoio ao escoamento de produtos locais e orgânicos, é outra medida a equacionar pelos municípios.

Mas se por parte da governança local este apoio é importante, as medidas de educação e sensibilização acerca dos produtos locais deve ser enriquecida. Por exemplo, iniciativas educacionais em escolas e comunidades para promover o consumo de produtos de proximidade e a sustentabilidade alimentar, são valiosas. Outra medida interessante a explorar, diz ainda respeito às parcerias entre restaurantes e os fornecedores de produtos agrícolas locais.

Não obstante a pandemia esteja ultrapassada, é importante considerar a vulnerabilidade e instabilidade dos mercados de abastecimento agrícola, afetados por vários fatores, o que enfatiza ainda mais as produções locais.

Naturalmente este trabalho têm limitações, das quais se salienta as relacionadas com questões temporais e o pequeno número de entrevistas realizadas aos promotores de cabazes agrícolas. Uma pista para pesquisa futura seria assim estender este estudo a outros promotores de cabazes agrícolas ao nível da região em causa ou de outras.

## **Agradecimentos:**

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref<sup>a</sup> UIDB/00681/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Investigação CERNAS e ao Instituto Politécnico de Viseu pelo apoio concedido.

## **Referências**

- Bakalis, S., ValDRAMIDIS, V. P., ARGYROPOULOS, D., AHRNE, L., CHEN, J., CULLEN, P. J., . . . VAN IMPE, J. F. M. (2020). Perspectives from CO+RE: How COVID-19 changed our food systems and food security paradigms. *Current Research in Food Science*, 3, 166-172. doi:10.1016/j.crfs.2020.05.003
- Barberaa, F., & Joselle, D. (2016). Building Alternatives from the Bottom-up: The Case of Alternative Food Networks. *Agriculture and Agricultural Science Procedia*, 8, 324-331. doi:<https://doi.org/10.1016/j.aaspro.2016.02.027>
- Cappelli, A., & Cini, E. (2020). Will the COVID-19 pandemic make us reconsider the relevance of short food supply chains and local productions? *Trends in Food Science & Technology*, 99, 566-567.
- Duarte, F. (2013). Consumo Alimentar: Regresso ao passado? In J. L. Santos, I. d. Carmo, P. Graça, & I. Ribeiro (Eds.), *O Futuro da Alimentação: Ambiente, Saúde e Economia* (pp. 123-139). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- EC. (2017). EU trade in food. Retrieved from <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/EDN-20171016-1?inheritRedirect=true>
- Fernández-Ferrín, P., Calvo-Turrientes, A., Bande, B., Artaraz-Miñón, M., & Galán-Ladero, M. M. (2018). The valuation and purchase of food products that combine local, regional and traditional features: The influence of consumer ethnocentrism. *Food Quality and Preference*, 64, 138-147. doi:<https://doi.org/10.1016/j.foodqual.2017.09.015>
- Hall, K. D., Ayuketah, A., Brychta, R., Cai, H., Cassimatis, T., Chen, K. Y., . . . Zhou, M. (2019). Ultra-Processed Diets Cause Excess Calorie Intake and Weight Gain: An Inpatient Randomized Controlled Trial of Ad Libitum Food Intake. *Cell Metabolism*, 30(1), 67-77.e63. doi:<https://doi.org/10.1016/j.cmet.2019.05.008>

- Henry, R. (2020). Innovations in Agriculture and Food Supply in Response to the COVID-19 Pandemic. In (Vol. 13, pp. 1095-1095-1097).
- Hsieh, H. F., & Shannon, S. E. (2005). Three approaches to qualitative content analysis. *Qual Health Res*, 15(9), 1277-1288. doi:10.1177/1049732305276687
- Moutinho, V. (2020, 24 abril 2020). Covid-19 trouxe corrida aos cabazes. O futuro da alimentação é local? *Público*.
- Nagy, I. D., & Dabija, D.-C. (2020). The Transition from Natural/Traditional Goods to Organic Products in an Emerging Market. *Information*, 11(4), 227.
- Pieniak, Z., Verbeke, W., Vanhonacker, F., Guerrero, L., & Hersleth, M. (2009). Association between traditional food consumption and motives for food choice in six European countries. *Appetite*, 53(1), 101-108. doi:<https://doi.org/10.1016/j.appet.2009.05.019>
- Prove. (2020). É cá da Terra. Retrieved from <http://www.prove.com.pt/www/>
- Raftowicz, M., Kalisiak-Medelska, M., & Stru's, M. (2020). Redefining the Supply Chain Model on the Milicz Carp Market. *Sustainability*, 20(12), 1-16.
- Siche, R. (2020). What is the impact of COVID-19 disease on agriculture? *Scientia Agropecuaria*, 11(1), 3-6. doi:<http://dx.doi.org/10.17268/sci.agropecu.2020.01.00>
- Srour, B., Fezeu, L. K., Kesse-Guyot, E., Allès, B., Méjean, C., Andrianasolo, R. M., . . . Touvier, M. (2019). Ultra-processed food intake and risk of cardiovascular disease: prospective cohort study (NutriNet-Santé). *Bmj*, 365, 11451. doi:10.1136/bmj.11451
- Tibério, L. (2013). Sistemas Agroalimentares Locais e Comercialoização em Circuitos Curtos de Proximidade. *Revista da Rede Rural Nacional*, 3, 6-9.
- Wilkinson, J. (2011). From Fair Trade to Responsible Soy: Social Movements and the Qualification of Agrofood Markets. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 43(9), 2012-2026. doi:10.1068/a43254